

JOAQUIM DE ARAÚJO: DIVULGADOR DE JOÃO PENHA E DA CULTURA PORTUGUESA NO ESTRANGEIRO

MARIA AMÉLIA FERREIRA PEIXOTO MAIA*

1. INTRODUÇÃO

*Assim que um poeta morre ascende ao ceu profundo
E logo resplandece em páramos ditosos:
D'um poeta que expirou ressurge um novo mundo:
Os poetas são os germes dos astros radiosos!*

João Penha, «Cosmogonia»¹

Celebrando-se, em 11 de maio de 2017, o primeiro centenário da morte de Joaquim de Araújo (1858-1917), um homem que muito contribuiu para a dignificação e divulgação da cultura pátria além-fronteiras, não será de todo despiciendo evocar a sua memória neste colóquio dedicado ao amigo e mestre João Penha (1839-1919).

Assim, justifica-se associarmos o nome deste erudito discípulo penafidense ao do «nervoso mestre, domador valente da Rima e do Soneto português», ainda que dezanove anos mais jovem, porquanto conviveram intelectualmente desde «A Harpa» (1873-1875), passando pela revista «A Renascença» (1878-1881), «A Revista Portuguesa» (1894-1895),

* Universidade de Coimbra/CIEC.

¹ As transcrições presentes neste artigo respeitam a ortografia da época.

«A Revista» (1903-1906), periódicos fundados e dirigidos por Joaquim de Araújo. Dessa relação de amizade e de intercâmbio intelectual, são testemunhos vivos a correspondência trocada entre si, bem como as traduções e publicações promovidas pelo cônsul de Portugal em Génova.

Tal como refere Elsa Pereira, grande parte das cartas presentes no epistolário de João Penha «foi remetida pelos seus mais fiéis amigos no mundo das letras: Antero de Figueiredo e Joaquim de Araújo [...]»². A investigadora acrescenta ainda que

Joaquim de Araújo, na condição ímpar de agente dinamizador da cultura portuguesa na Europa [...] foi [...] aliás o grande divulgador de Penha no estrangeiro, providenciando artigos, resenhas e traduções em vários países europeus. A este diplomata se devem todos os contactos superficiais [...] com uma dezena de lusófilos estrangeiros: o sueco Göran Björkman, o alemão Wilhelm Storck, os franceses Achille Millien e René Ghil, o inglês Edgar Prestage, o espanhol Rafael d'Altamira e os italianos Prospero Peragallo, Antonio Padula, Tommazo Cannizaro e Belli di Leonardi³. Foram ainda estes contactos que ditaram algumas distinções honoríficas com que o poeta foi agraciado, nomeadamente o de Sócio da Sociedade Luigi Camoens (de Nápoles) e o de presidente Honorário da Sociedade de Dante Alighieri (de Catania, em 1903)⁴.

Assim, a presente comunicação tem como principais propósitos identificar a importância de Joaquim de Araújo: i) enquanto agente dinamizador na divulgação da cultura portuguesa no estrangeiro; ii) na projecção da obra penhiana além-fronteiras; iii) na relevância da sua participação na «Homenagem da *Chronica* ao insigne poeta João Penha».

2. JOAQUIM DE ARAÚJO E A LUSOFILIA NA EUROPA

2.1. A divulgação da obra Penhiana além-fronteiras (?)

eu sou um fanático da minha pátria, cujo amôr não posso perceber doutra maneira.

Joaquim de Araújo, in carta a Manuel D. de Almeida

² PEREIRA, ed., 2015: vol. I, 68.

³ A título de curiosidade, refira-se que o conde Belli di Leonardi, ao tempo a que o seu artigo de homenagem da «*Chronica*» a João Penha se reporta, era adido à delegação de Itália no Rio de Janeiro. Considerado um escritor de «subido mérito» e conhecedor da língua lusa, com «o recitativo» de uma *Balada* de João Penha que havia decorado, conseguiu atrair e disputar a atenção e o enlevo da jovem por quem se apaixonara e com quem viria a casar-se. Segundo o seu testemunho, foi o poema de Penha, que recitou publicamente, que lhe deu a vitória. O artigo de Belli di Leonardi constituiu também um interessante apontamento sobre o modo como contactou com a poética do autor das *Rimas* (LEONARDI, 1902).

⁴ PEREIRA, ed., 2015.

Araújo lança-se desde muito cedo na dinâmica literária e no campo da edição. Carteia-se desde a adolescência com ilustres homens das letras portuguesas e de vários países europeus. O seu primeiro livro de versos — *Lira Íntima* (1881), bem acolhido na altura, mereceu-lhe elogiosas críticas por parte do escol nacional. Aproveitando esse estado de graça dá a conhecer a sua *Lira Íntima* no país vizinho, suscitando a curiosidade e interesse pela literatura nacional. Leopoldo Alas, mais conhecido por *Clarín*, que desde cedo, se posicionou na vanguarda da lusofilia literária em Espanha, desempenhando um papel ativo na divulgação da chamada Escola Nova Portuguesa, melhor conhecida entre nós como a Geração Nova, faz rasgados elogios à poética araujiana no jornal «El Porvenir», de Madrid, em 1882⁵, e exalta ao conhecimento da literatura portuguesa.

O crítico espanhol conclui ser «triste tener de llamar extranjera a una literatura que [...], parece nuestra»⁶, pelos nomes dos seus poetas, dos seus livros, língua e tradições, pela sua forma rítmica e até pelo assunto que versa; defendendo que a literatura do país vizinho passe a merecer, por parte dos seus conterrâneos, uma maior atenção e relevância. No final da sua apreciação, deixa clara a intenção de «consagrar a la poesia lírica portuguesa contemporánea un trabajo especial y más extenso»⁷.

Clarín chega mesmo a propor a formação de uma «Liga Literaria Hispano-Portuguesa», contando precisamente com a colaboração, em Portugal, de Joaquim de Araújo⁸, porquanto considerava importante «hacer cada día más general en España el conocimiento de la literatura portuguesa, especialmente la contemporánea y en Portugal vulgarizar el estudio de la literatura española»⁹.

O poeta português viria a colaborar com grande afã na concretização daquele malogrado projeto, e no prólogo a Emilio Castellar¹⁰ expõe a razão para tal empreendimento ibérico, dando início à sua cruzada expansionista:

*Alguns escriptores contemporaneos da Peninsula, accordando na formação de uma liga literaria, que põha em comunicação a actividade intellectual hespanhola e portugueza, resolveram contribuir, consoante as suas forças o permitam, para tornar reciprocamente conhecidas as duas literaturas do extremo occidente, ou antes e melhor, os productos literários mais importantes de um e de outro paiz*¹¹.

⁵ CLARÍN, 1882: 2.

⁶ UTT, 1988: 27.

⁷ UTT, 1988: 33.

⁸ A propósito desta temática, bem como da colaboração de literatos ibéricos em celebrações centenárias, vd. MAIA, 2016: 3, 8, 15.

⁹ Vd. CLARÍN *apud* UTT, 1988: 208.

¹⁰ Vd. prólogo a *A História de Portugal de Oliveira Martins, versão de Joaquim de Araújo* (CASTELAR, 1884).

¹¹ CASTELAR, 1884: V.

Outro crítico literário espanhol, Joaquim G. Gamiz-Soldado, entusiasta na concretização do iberismo cultural, escreveu na «Tribuna», de Madrid (1882), a propósito de *Lira Íntima*, dizendo que:

*Siempre que llega a nuestras manos un libro impreso en el vecino reino le hojeamos con tanta curiosidade y cariño como si hubiese sido engendrado en un cerebro español y lanzado al mundo literário por nuestras prensas; porque estamos convencidos de que los poetas y los filósofos, los literatos y los pensadores, y los periodistas, y los industriales ibéricos, están llamados a unir en estrecho lazo a España y Portugal, pueblos destinados por Dios para representar en el porvenir a las Naciones de la joven América en las Asembleas de la vieja Europa*¹².

O mesmo sentimento de apreço pela cultura da nação lusa é partilhado por outros lusófilos europeus. O académico e tradutor sueco Göran Björkman¹³, em carta a Araújo (22-5-1892), revela o quanto a leitura do recente ensaio de Maxime Formont, *Le mouvement poétique contemporain en Portugal* (1892), lhe aguçou o interesse, pela nossa literatura, chegando ao ponto de desejar fazer parte «desta nobre raça de povos», mostrando a intenção de conhecer, dentre outras obras, a sua *Lira Íntima*, as *Occidentales e Quadros antigos*, tencionando encomendá-los. Porém, os dois primeiros já lhe haviam sido remetidos, juntamente com o epitáfio anterior de «Zara»¹⁴ que suscitou a Björkman o desejo de os traduzir, a fim de colocar como prefácio a um volume de poesias do poeta-filósofo, já traduzidas e prestes a sair do prelo.

Björkman informa Araújo da publicação não só de um volume de poesias de Antero, como também de uma antologia de poesia portuguesa contemporânea, em preparação, na qual pretende integrar o seu nome. E afirma com orgulho que para esse projeto:

je ne laisse pas de vue le mouvement littéraire de cette noble race de peuples, à laquelle je regrette de n'appartenir plus par la naissance comme par les sympathies. Le naturel germanique est dénué de tout instinct artistique. [...] Avidement je recueille toutes les notices relatives au monde roman qui me viennent sous les yeux — ce qui n'arrive pas assez souvent quant à votre pays, pour cause du manque de quelque revue ou journal critique littéraire portugais (selon ce qui m'écrivit

¹² *Apud* BRITO, 2000: 194.

¹³ Karl Jacob Göran Linus Björkman (1860–1923) formou-se em Filosofia em 1894 e foi tradutor de francês, espanhol, italiano, alemão e português — de que destacamos *Ecos de Portugal Parnaso* (1899), e da poesia italiana (1906). Doutorou-se na Universidade de Uppsala, em 1894, tendo como objeto de tese o Poeta português Antero de Quental.

¹⁴ As duas quadras que constituem o epitáfio da jovem irmã de Joaquim de Araújo (que faleceu com quinze anos de idade) foram escritas a pedido do poeta penafidense e traduzidas por lusófilos das suas relações em 48 idiomas, línguas e dialetos, perfazendo um total de 78 versões (QUENTAL, 1894).

Anthero), votre «Renascença», p. ex., ayant cesse de paraître il y a longtemps. Au contrair le mouvement littéraire en Espagne, Italie est en France, m'est facile à connaître par «Nuevo teatro crítico» de M.^{me} Prado Bazán, «Gazzet Letteraria» de Torin et la «Revue Indépendante» de Paris, auxquels je suis abonné¹⁵.

Este sentimento face à literatura lusa vai instigar ainda mais a sua curiosidade sobre outros vultos das letras portuguesas, pelo que solicita ao seu interlocutor informações relativas a Manuel Duarte de Almeida e Fortunato Fonseca, a quem Araújo dedica poesias suas, em *Lira Íntima*, e pretende que lhe sejam enviados poemas para os copiar, dando a saber que já possui *Ramo de Lilazes* e *Vae Victoribus*¹⁶, duas composições de circunstância.

As diligências do nosso empenhado mediador cultural não se terão feito esperar, pois nesse mesmo ano de 1892, surge a edição de *Henrik Navigator. Stanzer*, de Manuel Duarte de Almeida e também *Evighetslängtan. Dikter*, de Antero de Quental. No ano seguinte, dá à estampa a tradução de madrigais, de António Feijó, com o título *Fallna Blad. Madrigaler*. Nos anos 1894 e 1895, saem as coletâneas de poesia contemporânea portuguesa com o título *Ur Portugals samtida diktning: poetiska öfversättningar* e *Portugals, Andra samlingen*, respetivamente, editadas em Uppsala: Lundequistska bokhandeln. E em 1898, é publicada a tradução do livro *Talisman* (1897) do conde d'Arnos. Em 1895, surge uma coletânea de contos de Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Fialho de Almeida, Condes de Ficalho e de Sabugosa, Gabriel Pereira, entre outros, intitulada *Lilla Rosa och andra berättelser*. Em 1899, ano da comemoração do centenário de nascimento de Garrett, G. Björkman edita *Ekon från Portugals parnass: poetiska öfversättningar*. Stockholm: C. E. Fritzes Kongl. Hofbokhandel. A seleção poética desta publicação recai sobre «antigos» e «novos» talentos nacionais como Luís de Camões (onze composições), A. Garrett (três), Joaquim de Araújo, Teófilo Braga, Martinho de Brederode, Eugénio de Castro, João de Deus, Manuel Duarte de A., António Feijó (oito poemas), Guerra Junqueiro, Luiz de Guimarães Junior, conde de Monsaraz, João penha, J. de Sousa Monteiro e Antero de Quental, por esta ordem.

O soneto de João Penha, «To be or not to be» que aparece com o título «*Den sällsynta pärlan*» («A pérola rara»), encontra-se nesta coletânea, na p. 56.

¹⁵ *Apud* BRITO, 2000: 295-6.

¹⁶ *Ramo de Lilazes* é um opúsculo constituído por três sonetos em verso decassílabo, composto por Manuel Duarte de Almeida, «Para depor no athaude de Sua Magestade Fidelissima O Senhor Dom Luiz I», e impresso no Porto, na Tipografia Occidental, em 1889. Já *Vae victoribus! anathema à Inglaterra*, como se deduz, é um libelo anti-britânico, de 20 páginas, editado pela Livraria Civilização, por ocasião do Ultimato Inglês (1890), expressando a mesma indignação que Guerra Junqueiro no *Finis patriae*, sob o mesmo pretexto.

Em 1894, surge a edição de *Anthero de Quental, Ett skaldeporträtt*, monografia resultante do seu doutoramento. Em 1903, dá à estampa *Den nye profeten*, do Conde de Arnoso.

A disponibilidade de Araújo para fazer chegar ao comparatista as obras de autores seus contemporâneos, merece do ilustre tradutor agradecimentos: «Monsieur et chère ami je vous suis extrêmement reconnaissant et de votre lettre et de votre prévenance inappréciable d'envoyer ou de faire envoyer à moi tant de livres, utiles à ma tâche [...]»¹⁷.

Solicitar aos amigos e homens das letras o envio das suas produções literárias a um conjunto de personalidades de renome internacional, antecipando-se-lhes com recomendações, era uma prática muito comum do nosso poeta na sua cruzada de divulgação da literatura pátria. Exemplo disso é a carta de (3-11-[1898]), enviando ao mestre e amigo os contactos de alguns dos lusófilos das suas relações, a quem João Penha deverá remeter um exemplar da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, indicando as respetivas moradas, a saber: Antonio Padula, Napoli; Tommaso Cannizzaro, Messina; Dom Rafael Altamira, Oviedo; Dr. Wilhelm Storck, Münster; Edgar Prestage, Chiltern Bowdwn; Maxime Formont, à redação do Gil-Blas-Paris, sem esquecer o Dr. Göran Björkman, Stockolm. Lembrando na carta seguinte (dezembro), a importância de não esquecer o eclesiástico genovês, tradutor de Camões e Garrett: «Mande um exemplar do volume ao illustre Prospero Peragallo, via André Dória, 12 – Genova. Este ficou de traduzir alguns trechos em italiano. Não se demore a mandar-lhe o volume».

Em França, Joaquim de Araújo promove junto de Maxime Formont, os nomes que aquele ensaísta vai inserir no seu estudo dedicado ao movimento poético contemporâneo em Portugal, publicado em 1892¹⁸. Assim, verificamos que depois de João de Deus, Antero de Quental e Teófilo Braga, surge o nome do mestre, amigo e colaborador João Penha, «considerado como um dos maiores poetas da *Geração Moderna*, discípulo de Heine na ironia, aproximando o seu *Vinho e Fel* do *Intermezzo*»¹⁹. Nas páginas. 17-18, daquele estudo, encontra-se a transcrição de uma passagem de cariz melancólico, do mestre do soneto, tipicamente de matriz romântica, que reproduzimos a partir da monografia de Ferreira de Brito, e que não obedece à sua estrutura poética original:

Mon âme est désolé parmi les ruines des châteaux fantastiques de ses rêves; autor d'elle, le chœur tragique des Otellos sanglote dans l'ombre. Mais mon corps este n train de prendre un joli embonpoint ecclésiastique: je n'ai plus qu'à entrer dans les ordres et me faire abbé.

¹⁷ Carta de 3-11-1892 *apud* BRITO, 2000: 297.

¹⁸ *Vd.* FORMONT, 1892: 17-20.

¹⁹ BRITO, 2000: 207.

A ingerência de Araújo nesta antologia, em nada subtil, foi muito além do razoável. Ao destacar o seu nome dos demais escritores portugueses, selecionando de entre todo o leque de poetas, aqueles das suas relações, fazendo apreciações menos favoráveis a outros, suscitou polémicas e diatribes agressivas na imprensa. Veja-se, a título de exemplo, o artigo de António da Silva, no Jornal «Novidades»²⁰, a propósito deste ensaio, acusando Araújo de se autopromover e de favorecer os amigos, dando «calculadas sugestões» ao sr. Formont para escrever a seu respeito.

O poeta após o desabafo à amiga íntima, Carolina Michaëlis, sobre o ambiente intelectual que lhe é adverso em Portugal, recebe como resposta ser toda sua a responsabilidade daquelas reações, porquanto o famoso ensaio era da sua autoria ou co-autoria. Assim,

*houve quem quisesse reconhecer a mão de V. Ex.^{cia} na escolha que o Sr. Maxime Formont fez; e no seu modo de distribuir mirra, incenso e louros; francamente V. E. devia ter previsto que isso aconteceria, e que os que não receberam a porção de louvores de que se julgavam, justa ou injustamente, merecedores, se sentiriam feridos*²¹.

A estratégia usada com Formont foi igualmente usada com outros lusófilos, como por exemplo Achille Millien e Rafael Altamira, este último que subscrevia as críticas de Araújo nas revistas espanholas em que colaborava.

Se dúvidas houvesse, as mesmas seriam rapidamente sanadas, porquanto sabemos, pelo punho do próprio Araújo, da estratégia de que se socorre para divulgar e cativar o público espanhol para uma boa recepção da nossa produção literária. Exemplos disso são os seus testemunhos, em carta:

i) a João Penha, relativamente à então recente publicação do livro *Viagem à Terra do Paiz dos Sonhos*:

Na Revista Critica de Madrid sae uma noticia acerca do seu livro; apesar de nella se tratar de V. como de um poeta da nação irman e parecer de hispanhol a dissertação, é deste seu criado. [...] A noticia, é claro, sae em hispanhol. Sou eu que escrevo sempre os sultos acerca de Portugal, mas por justos motivos, hispanholizando-os. Digo-lhe isto a si, e ainda o não disse a ninguém. [...]

Q.do ahi chegar a critica da Rev., que oficialmente é para todos os efeitos do Rafael Altamira faça que a reproduzam. é um livro que fica. Além disso, dá certo tom por vir da pátria e na língua das andaluzas.

²⁰ SILVA, 1893: 3.

²¹ BRITO, 2000: 203.

A recensão a que se refere Joaquim de Araújo, nesta carta, saiu efetivamente na «Revista Critica» de Madrid, embora assinada por «Z.».

ii) Ao mestre e amigo, autor de *Visão dos tempos*, onde confidencia:

Meu caro Theophilo./[...]Revi hoje as provas d'um pequeno artigo que mandei para a Revista crítica, de Madrid; allí me occupo do Theophilo, como o meu amigo merece, aludindo a um trabalho seu — A vida de Bocage — bem interessante que elle é. Leia o artigo, e leia outras noticias que lá veem a seu respeito, e que embora minhas, serão da redacção, diante do publico, o que lhes dá mais valor²².

Na verdade, Araújo enviava os seus livros e os dos seus amigos em troca de apreciações críticas e divulgação na imprensa, pois tal como Victor Hugo sustentava, «A imprensa é o cortiço onde todas as imaginações, estas abelhas douradas, vem trazer o seu mel».

Sabemos também pelo teor de várias cartas que Araújo teve a sua intervenção na preparação de todas as antologias e traduções estrangeiras de poetas lusos, incluindo-se sempre entre os mais renomados.

Araújo, que desde sempre pugnou por divulgar a literatura portuguesa no estrangeiro (poesia, romance e drama)²³, usando a sua rede de contactos, já de si vasta ainda antes de ser nomeado cônsul de Portugal em Génova (1894), vai, a partir de 95, intensificar essa sua atividade junto de vários lusófilos internacionais, usufruindo a partir de então também da influência da sua atividade consular. Ainda que ausente da pátria, continua a colaborar com vários periódicos em Portugal (particularmente a «Nova Alvorada» de Famalicão), a publicar e a noticiar as suas obras e a de variadíssimos escritores lusos, o que vai acontecendo lá fora²⁴, editando numerosos opúsculos, quer para divulgar escritos a que confere valor literário, quer para assinalar circuns-

²² FERRÃO, 1934: 108.

²³ O vate penafidense, ao longo do seu percurso jornalístico e editorial, empenhou-se em fazer publicidade aos autores nacionais, em vários países europeus, solicitando traduções não só de poesia, como de drama e romance. Vejam-se as traduções do prof. Francesco P. Pace da obra garrettiana *Nel Sobborgo di Sant'Ana* (1895), em Padova; Diego Garoglio — *A Maior Dor Humana*, de Camillo Castello Branco (1897), em Genova; Vittorio Baroncelli (1898) — *As Pupilas do Senhor Reitor* (vd. também ARAUJO, 1896b), entre muitas outras.

²⁴ Já antes da sua ida para Génova, Araújo tinha a preocupação de dar a conhecer o que de importante se fazia no país e além-fronteiras. Assim, vd. «Anais de Bibliographia Portuguesa» (1889), uma das publicações efémeras sob a sua direção que, assumindo um papel de erudito atento relativamente à divulgação literária nacional, refere, na «Advertência», que aquela publicação «corresponde ao preenchimento de uma lacuna», pois que de «tantas revistas literárias [...] nenhuma tomou este papel de informar os seus leitores do movimento bibliográfico do país; reproduzir e comunicar os documentos que mais interessam à nossa história literária, científica e ainda social e política»; dando a conhecer os manuscritos importantes que se encontram nas bibliotecas e arquivos; informar sobre o que de importante se faz no estrangeiro; divulgar «livros preciosos», reimprimindo-os, e termina afirmando que o propósito que o anima neste projeto é que «esta revista ficará como um protesto mais contra a falta de incitamento, proveniente dessa filoxera moral, que nos invade» (MAIA, 2012: 675-676).

tâncias várias, promovendo coletâneas com traduções poéticas da língua de Camões, junto desses lusófilos, bem como servindo de mediador nas relações literárias desses lusófilos entre si.

Um ano após a publicação da antologia de Formont, eis que Achille Millien (1893), edita *Fleurs de Poésie — Morceaux de poètes étrangers contemporains*, também mediante indicações de Araújo.

A sua diligência e mediação entre os vários lusitanistas valeu-lhe deste gaulês o agradecimento pela sua responsabilidade enquanto líder de todo o movimento lusófilo europeu, fomentando entre todos ótimas relações pessoais e de cooperação literária. Veja-se carta de 19 de fevereiro de 1893: «J'ai reçu des lettres et envois de MM Cannizzaro, Storck, Björkman, d'Altamira avec lesquels j'aurai de bonnes relations, grâce à votre initiative très gracieuse»²⁵. Veja-se ainda a título de exemplo, a carta de Araújo para E. Teza [25-3-1896]: «Menendez Pidal, de quem lhe já falei [...] acaba de me dizer que lhe escreveu uma carta longa e está com cuidado, pois presume que houvesse extravio. É um dos meus melhores amigos, e meu companheiro habitual sempre que vou a Madrid. Ele está contente das relações do meu querido professor»²⁶.

Também em sentido inverso, oferece-se junto de lusófilos estrangeiros para influir na publicação das suas obras, preferencialmente aquelas atinentes a escritores portugueses — coletâneas, traduções, ensaios ... disponibilizando-se, por exemplo, junto de Emilio Teza para fazer publicar um estudo seu relativo a Antero: «Tenho eu onde fazer publicar o seu artigo se quiser ter a bondade de mo enviar; será publicado em espanhol na Revista Crítica [...]»²⁷.

Em Espanha, e tendo em conta o propósito de intercâmbio cultural, subjacente à ideologia da almejada Liga Ibérica, Joaquim de Araújo vai incrementar o intercâmbio de publicações literárias com o país vizinho. Estes escritores, académicos, críticos literários, publicistas, vão corresponder e proceder depois à sua divulgação, noticiando, fazendo recensões em vários periódicos e no raio de alcance da sua esfera de influência, mediante informações biobibliográficas facultadas por J. de A.

O nosso poeta, sempre atento a estas questões culturais, numa epístola ao amigo e confidente Manuel Duarte de Almeida, exprime preocupação face ao desconhecimento da nossa literatura no resto da Península, pelo que o desafia a acompanhar a sua reflexão com vista a uma solução que se avizinha:

²⁵ Manuscrito 12 240 da Biblioteca Marciana de Veneza.

²⁶ SIMÕES, 1998: 50.

²⁷ Carta de J. de A. a E. Teza [Génova, 24-9-1895] (SIMÕES, 1998: 24).

Vamos á questão de Hispanha: nós somos ali geralmente desconhecidos. A culpa é toda nossa, de mais ninguém. Fazem-nos como nós fazemos aos nossos caríssimos irmãos. Há agora uma tentativa que talvez pegue, literariamente. Enviei-te um número: é a Revista Critica de literatura hispanhola. Tenciono ali fazer falar de todos os portugueses que o mereçam de uma maneira incontestavel: tu és desses. Os redactores são meus amigos, velhos amigos e eu entrei na discussão do plano do jornal. Se se fizer alguma coisa, certamente que alguns portugueses entrarão na Academia hispanhola, e na Academia de historia, onde a nomeação de um correspondente é negocio de carta acima. É preciso que tu saibas que, provavelmente pelas patriotiquices reles da nossa politica, nos últimos vinte anos não foram concedidos cinco (!) sócios hispanhoes da Academia de Lisboa. Isto irrita, porque, por debaixo disto, está ou vê-se um acinte²⁸.

Como constatamos, a «Revista Critica de Historia y Literatura Españolas», de Madrid, que tem como redator Rafael de Altamira²⁹, é um dos periódicos que conta com a colaboração de Joaquim de Araújo, autor de artigos, resenhas, notícias... e que serve este anseio antigo de uma Península Ibérica unida pela cultura.

Altamira (tal como o fora já, em 1882, Joaquim G. Gamiz-Soldado) é um exemplo do reconhecimento do valor e apreço pela literatura lusa, como nos revela a sua missiva ao homólogo português: «Espero impaciente los libros suyos que me anuncia y su colaboración p.^a el periódico». E retribui, pois «En la presente semana enviaré a V. dos libros míos»³⁰. Este intercâmbio vai produzir os seus frutos.

Ao cônsul português, R. Altamira, em carta datada de outubro de 94, agradece e retribui os mimos recebidos (*Flores da Noite* com uma poesia que lhe é dedicada), prometendo-lhe «p.^a muy en breve um articulo bibliografico que se publicará en el popular diario El Pais y en el cual me ocuparé, también de otros libros que el editor E. Chardron ha tenido la bondad de enviarme»³¹. E assim vemos diversificado o leque de periódicos onde passam a firmar-se os carmes e artigos da/e atinentes à literatura nacional.

O seu interesse, não se circunscrevendo à poesia, numa outra epístola, leva-o a questionar o seu correspondente sobre a possibilidade de lhe indicar, com brevidade, «los libros más notables de novela, poesia, drama, que en 1894 se han publicado en

²⁸ [Coleção Particular de Fernando Bettencourt]. A carta referida, ainda que não datada, é provavelmente anterior a julho de 1895.

²⁹ Rafael Altamira y Crevea (1866-1951) — com quem Araújo se carteia, partilhando livros e ideias, além de ter estabelecido uma boa relação de amizade e de confiança —, é um humanista, historiador, pedagogo, jurista, crítico literário e escritor espanhol que, a coberto da sua função de redator, subscrevia, na revista madrilena, as crónicas atinentes à literatura portuguesa, feitas por Joaquim de Araújo.

³⁰ Carta em papel timbrado do periódico madrileno «La Justicia. Diario Republicano», de [8-1-1892] *apud* BRITO, 2000: 329.

³¹ *Vd.* carta de Madrid [19-10-94] *apud* BRITO, 2000: 334-335.

Portugal», uma vez que pretende «hacer la bibliografía histórica de 1894»³². E, testemunhando a colaboração do escritor português naquele periódico, refere ainda ter enviado «las pruebas de su artículo: que espero devuelva enseñuida», acrescentando que, naquele mesmo dia, lhe enviará o «folleto Nota bibl.^a [bibliográfica] sobre un libro impreso en Macau»³³.

As notícias sobre a literatura pátria passam a ser uma constante no país vizinho onde se divulgam as publicações impressas em Portugal e além-fronteiras.

Em Itália, vários são os lusófilos das suas relações que se vão ocupar da literatura portuguesa, incluindo o autor das *Rimas* nas suas edições. Emilio Teza³⁴, por exemplo, traduziu variadíssimos trabalhos de autores portugueses, desde Camões, Garrett, João de Deus, Teófilo Braga, Antero, o próprio Joaquim de Araújo, entre outros.

O nome de Araújo e o de João Penha, bem como um número significativo de outros autores nacionais entre os grandes nomes da nossa história literária, são indicados para coletâneas editadas por estrangeiros, ombreando com Camões e Garrett.

António Padula³⁵, em *I Nuovi Poeti Portoghesi* (1896), ocupa-se de Penha, nas páginas 29 e 30. No mesmo ano, publica o estudo crítico *Camoens e i nuovi poeti portoghesi*.

Prospero Peragallo reproduz uma cópia da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos* na sua coletânea *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane* (1898), antecedendo a respetiva tradução para Italiano que se encontra na página seguinte³⁶.

Segundo Elsa Pereira³⁷, originalmente, esta tradução foi enviada por carta a João Penha, em agradecimento pelo envio do exemplar da *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*. Nesta missiva, Peragallo destaca a responsabilidade do mediador cultural J. de Araújo:

*Genova 8 de Janeiro de 1898/[...]/Presadissimo Senhor João Penha/
Acabo de receber hoje mesmo o seu bonito volume — Viagem por terra ao paiz dos sonhos — com uma dedicatória que não devo a algum merecimento meu, senão à extrema amabilidade de V.^a Ex.^a; [...]Mas eu adivinho bem quem o enganou a meu respeito; foi o nosso excellente amigo, e verdadeiro poeta, Joaquim de Araujo, a quem devo finezas sem conta, nessa medida.*

³² Carta de 19 de Maio (apud BRITO, 2000: 336-337).

³³ BRITO, 2000: 336-337.

³⁴ *Emílio Teza* (Veneza, 1831 – Padova, 1912) foi bibliotecário, filólogo, tradutor, professor de sânscrito e de Literatura Comparada na Universidade de Bolonha, Pisa e Pádua.

³⁵ *Vd.* artigo sobre este literato napolitano e a sua importância na divulgação da literatura em Itália (PEREIRA, 2009: 255-256).

³⁶ PERAGALLO, 1898: I, 66.

³⁷ PEREIRA, *ed.*, 2015: vol. II, t. II, 222-223.

No ano das comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Garrett (1899), o sueco Göran Björkman³⁸, por seu turno, editou, entre outras obras, uma coletânea de poemas traduzidos de autores portugueses intitulada *Ekon fran Portugals parnass: poetiska öfversättninggar*. Stockolm: C. E. Fritzes Kongl. Hofbokhandel, [s.d.], contemplando Luís de Camões, Almeida Garrett, Teófilo Braga, Martinho de Brederode, Eugénio de Castro, João de Deus, Manuel Duarte d'Almeida, António Feijó, Guerra Junqueiro, Luís de Guimarães Junior, Conde de Monsaraz, João Penha, José de Sousa Monteiro e Antero de Quental.

O soneto de João Penha, «To be or not to be» que aparece com o título «Den sällsynta pärlan» («A pérola rara»), encontra-se nesta coletânea, na p. 56.

O poema «A eterna idéa» também foi objeto de uma tradução italiana por parte do autor de: *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane. Tradotte in Italiano*. Vol. II, Genova: Atabilimento Tipografico Ved. Papini e Figli, 1900. «L'Eterna Idea» encontra-se na p. 65.

O soneto das *Rimas* «Vão-se os deuses», dedicado a Camilo Castelo Branco e integrado no conjunto «Lyra de Pangloss», vai aparecer na língua de Petrarca, pela pena de A. Padula em *Ramo d'Olivo (Pasqua del 1909)*, Napoli: Tip. S. Morano, 1909, p. 1.

Como vemos, o diplomata penafidense, mesmo ausente da pátria, não descursa os valores pátrios e, dentre eles, o amigo bracarense João Penha a quem vai prestar o seu tributo, numa homenagem coletiva.

3. JOAQUIM DE ARAÚJO E A «HOMENAGEM DA *CHRONICA* AO INSIGNE POETA JOÃO PENHA»

Em 15 de abril de 1902, a revista lisbonense «A Chronica», dedica um número especial «Ao eminente poeta João Penha», à altura com 63 anos. Os seus redatores, promotores do evento, no editorial, agradecem a todos quantos «acorreram» a associar-se-lhes.

Esta contou com o envolvimento do próprio homenageado e o do cônsul de Portugal em Génova, que assumiu a responsabilidade de agremiar alguns lusitanistas estrangeiros — poetas e prosadores ilustres de entre o seu privilegiado círculo de amizades e de influência diplomática. São colaboradores neste número especial quarenta personalidades portuguesas e dez estrangeiras.

Nas cartas e cartões postais de Joaquim de Araújo, por nós compulsados, dirigidos a João Penha, e numa missiva em sentido inverso, encontramos um conjunto de in-

³⁸ Joaquim de Araújo dedicou-lhe um opúsculo de 15 páginas, por ocasião do seu casamento com Ebba Johanna Maria Frey (25/5/1899), intitulado *Flores Garrettianas colhidas por Joaquim de Araujo* (ARAÚJO, 1899b). Os textos insertos neste opúsculo correspondem a traduções de *Folhas Caidas* e *Flores sem Fruto* da autoria dos venezianos Marco Antonio Cannini (1822-1891), filólogo, escritor e patriota italiano; Emilio Teza (1832-1912), literato, bibliotecário, filólogo, escritor, tradutor e professor de literatura nas universidades de Bolonha, Pisa e Pádua; e ainda de Pietro Turati, autor de *Fiori del Sud/seguito ai Fiori del Nord di moderne poesie Portoghesi, Spagnuole, Siciliane e Greche — Versione di moderne poesie tedesche e inglesi e leggende dello Stesso*. Milano: Nattale Battezzati editore, 1881.

formações relativas à preparação, contactos e indicações de revisão, bem como apreciações à edição daquele número especial³⁹. A cumplicidade entre Araújo e Penha é uma constante, neste processo. Araújo mostra-se descansado pelo facto do homenageado assumir a tarefa de revisor do seu texto e vai informando João Penha das suas diligências junto dos italianos António Padula e «Peragallo para fazer uma tradução italiana de qualquer composição sua» (a tradução recaiu sobre o soneto «Moribunda», publicado na p. 12). Penha mostra-se interessado na participação dos estrangeiros e na carta de 27-1-1902, recomenda ao amigo «Muitos recados ao Peragallo e ao Canizzaro»⁴⁰.

Bem ao seu modo, J. de A. intercede por aqueles que preza e lembra o amigo para não esquecerem «de convidar o Alves de Moraes», enviando a sua morada. Em *post scriptum*, indica «a lista completa dos escriptores que [...] também deviam colaborar, completando os que V. indicou: Ramalho, Theophilo, Alves de Moraes, Maria Amalia, Jardim-conde, Julio de Vilhena, Manuel Sardenha, Eduardo Cabrita, Alberto Telles, Manuel Duarte, Sousa Viterbo, Rodrigo Velloso, Lopes Praça». Destes nomes, apenas Alves de Moraes, Manuel Duarte, Sousa Viterbo e Rodrigo Velloso figuraram na homenagem.

Na carta resposta, João Penha diz que relativamente

Ao Ramalho Ortigão é inutil fallar-lhe. Mandeilhe as Rimas, e ate se bem me recordo (porque, como lhe disse, nunca as li) com a dedicatória de uma das composições — e moita.

*Mandeilhe a Viagem por terra, e moita. Mandeilhe o Por montes e valles, e moita, carrasco! Que ratão!*⁴¹

No bilhete-postal de 20-1-1902, é digna de registo a preocupação de Araújo em recomendar o amigo e confidente Manuel Duarte de Almeida «notável poeta português meu muito querido amigo [...] a quem me refiro no artigo do João Penha», de quem indica a morada. Reforça a ideia de que «É um colaborador que lhe não deve esquecer em nenhuma maneira». E sugere ainda que «Se V. Ex.^{cia} o não conhece pode apresentar-se-lhe com este bilhete meu». Acrescenta que «Manuel Duarte é um dos mais antigos amigos de João Penha e foi colaborador da Folha»⁴².

³⁹ A correspondência de J. de A. para João Penha, que alude à preparação da homenagem da «Chronica», encontra-se, pela ordem que apresentamos de acordo com as datas, no ADB – Ms.546, maço 9, ff. 22 (27); 130-132; 26 (31); 93; 26; 54; 27 (32); 24; 65-66; 91-92; 23.

⁴⁰ *Vd.* carta arquivada na Biblioteca Marciana de Veneza (BNMV– Ms. 12242).

⁴¹ BNMV– Ms. 12242.

⁴² Joaquim de Araújo, em nota *post scriptum* refere que aquele bilhete ia dirigido ao Luiz da Silva, contudo esclarece que é a João Penha que o deve enviar. O seu propósito é dar a conhecer a Penha o amigo que muito preza e a quem quer ver nesta homenagem.

Ainda que alguns artigos apresentem a data de novembro de 1902, Joaquim de Araújo, em carta de 3 de junho, diz-se satisfeito pelo resultado final e afirma que o «estimado amigo» não tem que lhe agradecer, pois «Eu fiz o que pude e fi-lo com infinito prazer. O n.º sahiu bem principalmente com os prosadores e isso foi-me em extremo agradável».

Dos lusófilos que tomaram parte direta ou indiretamente nesta homenagem referimos Rafael Altamira que com «Adhesión» — carta-resposta a Joaquim de Araújo, lamenta não poder colaborar como desejaria, por questões de saúde, assinalando, contudo «mi estima profunda á los méritos del poeta y mi afecto sincero á la tierra hermana de Portugal» (p. 9)⁴³.

O francês Achille Millien colaborou na homenagem a Penha (p. 9) com o poema *Flèche d'ironie*, dedicado a João Penha.

O italiano Tommaso Cannizzaro contribuiu com duas composições para a homenagem d'«A Chronica» (p. 9): «Dal vol. 'Viagem por terra no paiz dos sonhos': I— *Le Ondine* e II—*Epitaffio*».

O francês René Ghil escreveu o poema de duas estrofes intitulado «A Jean Penha» (p. 10).

António Padulla agradeceu «il creatore della forma del soneto» com a tradução da poesia «O Golpe» («Il Colpo») extraída da *Viagem* que surge, na p. 13.

Prospero Peragallo, participou na homenagem com a tradução do soneto «Moribunda» (p. 12), retirado da versão definitiva, fixado na *Viagem*.

O soneto «To be or not to be» surge com duas traduções, nas p. 12 e 14 pelo alemão Wilhelm Storck e o sueco Göran Björkman, respetivamente.

Muitos destes lusófilos vão ser agraciados com a nomeação para sócios da Academia Real das Ciências de Lisboa pelo reconhecimento dos serviços prestados às letras e cultura portuguesas, sob proposta de Araújo, da mesma forma que muitos dos nossos escritores o foram por outras academias e sociedades estrangeiras, tal como Penha e Manuel Duarte de Almeida.

Como constatamos, nas cartas dirigidas a Teófilo Braga, Araújo dá-nos conta das solicitações que faz ao seu mestre e amigo, para que vários lusófilos estrangeiros das suas relações integrem a Academia Real das Ciências de Lisboa, em reconhecimento pela divulgação da nossa cultura. Tal pode ser constatado pelo excerto de uma carta [s.n.: s.d.] que a seguir reproduzimos:

⁴³ Missiva que lhe mereceu da parte da redação, em nota de rodapé, presumivelmente por indicação do amigo Araújo, a seguinte nota: «Publicando esta carta satisfazemos os desejos nella consignados pelo illustre cathedratico da Universidade de Oviedo e um dos primeiros criticos de Hespanha, paiz que por est'arte fica representado nesta homenagem, com o valioso nome de D. Rafael de Altamira».

Na Bibliotheca da Academia existe, entregue por mim [...] um volume [...] contendo a primeira parte do Parnaso⁴⁴, do Dr. Göran; é um exemplar especial que o autor ofereceu, a meu pedido.

Hoje envio outros livros delle [...] juntando-os áquelle e apresentando tudo em sessão como titulo de candidatura. Depois que entraram o Itorek, Formont, Prestage e Reinhaiditoettues é um preito que se não deve regatear a quem nos está representando perante um paiz, divulgando o nosso movimento intelectual. Creio que é ao Theophilo a quem compete fazer a proposta — tenho quem m'a faça, mas dirijo-me a si como pessoa a quem de direito competem estas iniciativas. O Th. junte e apresente juntos os dois tomos, e diga em sessão alguma coisa a respeito do Göran⁴⁵.

Por fim, Joaquim de Araújo, no seu artigo «João Penha e Anthero de Quental», provando a sua admiração e amizade, termina referindo que o seu nome fica assim ligado

ao preito de honra, votado a um poeta illustre, a quem eu inquebrantavelmente admiro, e a um amigo (espécie rara nesta escalavrada idade modernissima)⁴⁶, que em mais de vinte anos de seguidas e affectuosas relações, me tem patenteado a pura nobresa do seu character diamantino e a lealdade incomparável do seu animo⁴⁷.

4. CONCLUSÃO

Por tudo quanto aqui expusemos, podemos concluir que Joaquim de Araújo foi, de facto, «um fanático da [sua] pátria», pois votou toda a sua vida à divulgação de escritores da nossa história e periodização literária, em Portugal e no estrangeiro. Sendo benemérito, este erudito homem das letras promoveu a expensas suas a tradução e publicação de obras de vários autores, dando a conhecer ao mundo o valor cultural de uma nação «cujo amôr não [pôde] perceber doutra maneira» que não intensamente.

Após a homenagem da «Chronica», os amigos continuam a contactar-se, pelo menos até 1909, data de uma epístola de março, em que Araújo solicita «uma carta longa», queixando-se dos «silêncios pavorosos!» do mestre a quem ama «enternecidamente».

⁴⁴ Provavelmente corresponderá à coletânea de traduções poéticas intitulada: *Ekon Fran Portugals Parnass*. Poetiska Öfversättningar. Stockolm: C. E. Fritzes Kongl. Hofbokhandel.

⁴⁵ FERRÃO, 1934: 109.

⁴⁶ Araújo foi vítima de muitas invetivas, invejas e traições, e tal constitui motivo de lamentos constantes em muitas das suas cartas para os amigos chegados. Em mais um desabafo, ao amigo M. Duarte de Almeida, confidencia que a «guerra de misérias que me tem sido feita é atroz – e todavia eu tenho lutado e sou alguma coisa mais do que os autores das vilanias que me teem atassalhado o caminho» (Coleção particular de Fernanda Bettencourt, [27-5-95]) — a esta mesma conclusão chegou Braz Burity, na homenagem prestada após a sua morte — *vd. MAIA*, 2016: 5.

⁴⁷ *Vd. ARAUJO*, 1902: 6-7.

João Penha continua a viver em Braga com as irmãs, passando por dificuldades financeiras, culminando num estado de indigência tal que motivou uma petição a nível nacional para a atribuição de um subsídio do estado ao poeta e jurisconsulto bracarense. Este viria a falecer, na miséria, em 1919.

Araújo, por sua vez, após vários amores frustrados vem a contrair matrimónio, em dezembro de 1902, com uma jovem austríaca, em Viena. O efémero enlace seguido do roubo das suas coleções e livros raros de que foi vítima, agravaria o seu habitual estado depressivo e, em 1913, viria a atentar contra a própria vida. A tentativa de suicídio ainda que falhada, deixa danos profundos, terminando aí a sua carreira diplomática. No ano seguinte, já regressado a Portugal, vai ser conhecido o seu frágil estado de saúde, encontrando-se internado num hospital em Lisboa, debilitado e demente, vindo a falecer sem descendentes e só, num hospício em Sintra, em 11 de maio de 1917.

FONTES

Arquivo Distrital de Braga

ADB — *Espólio de João Penha*, ms. 542, maço 9.

Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia

BNMV — *Espólio de Joaquim de Araújo*, ms. 12242.

Coleção Particular de Fernanda Bettencourt

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Joaquim de (1895) — *Nove poesie portoghesi: ristampati in Padova nell'occasione del VII [settimo] centenario di Sant'Antonio di Lisbona*. Padova: Tip. Fratelli Gallina, 12.
- ____ (1896a) — *A Lirica DV do Cancioneiro Português da Vaticana interpretada por João de Deus*. Padova: Tipografia all'Università dei fratelli Gallina.
- ____ (1896b) — *Julio Dinis – Lettera al Lig. Vittorio Baroncelli per accompagnare la traduzione Lei «Pupille del signor curato»*. Bergamo: Istituto Italiano Laeri Grafiche.
- ____ (1899a) — *Garrett Jornalista*. «Garrett». Lisboa: Imprensa Lucas, 5. Dir. Alberto Bessa. Número único em homenagem à memória do insigne reformador da Litteratura, do Theatro e do Jornalismo Portuguez.
- ____ (1899b) — *Flores Garrettianas colhidas por Joaquim de Araujo*. Napoli: Pei Tipi Di Michele D'Auria.
- ____ (1902) — *João Penha e Anthero de Quental*. «A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria», ano 3, n.º 63, 64. Lisboa: [s.n.], 6-7.
- ____ (1906a) — *A «Vida de Bocage» do sr. Theophilo Braga*. Genova: Tipografia e Litografia Pietro Pellas.
- ____ (1906b) — *O «Frei Luiz de Sousa» de Garrett*. Notas com um prefacio de Theophilo Braga. Lisboa: Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, p. 5-16.
- BRITO, Ferreira de (2000) — *Joaquim de Araújo e a expansão europeia da Cultura Portuguesa*. Porto: Instituto de Estudos Franceses da Universidade do Porto.

- CASTELAR, Emídio (1884) — «*A História de Portugal*» de Oliveira Martins, versão de Joaquim de Araújo. Porto: Livraria Central, V-X.
- CASTELLO-BRANCO, Camillo (1897) — *A maior dor humana*. Tradução italiana de Diego Garoglio. Genova: Tip. Sordo-muti.
- CLARÍN (1882) — *Literatura extranjera. Lira Intima. Poesías portuguesas de Joaquim de Araujo*. «El Porvenir», año I, n.º 42. [S.l.: s.n.]. [17-II-1882].
- BRANDÃO, Júlio (1896) — *Chez Nous*. «Nova Alvorada», ano VI, n.º 5, agosto, p. 131.
- _____[s.d.] — *Recordações dum velho poeta. Figuras literárias e artísticas*. Lisboa: Edições Gleba [1942/3?].
- FERRÃO, António (1934) — *Teófilo Braga e Joaquim de Araujo*. In *In Memoriam do Doutor Teófilo Braga*, p. 65-124.
- FORMONT (1892) — *Le Movement Poétique Contemporain en Portugal*. Lyon: Imprimerie A. Storck, 17-20. Sep. «Revue du Siècle».
- LEONARDI, Belli di (1902) — *Memorias dum casamento. João Penha e Thomaz Ribeiro*. «A Chronica: Revista Illustrada e Litteraria», ano 3, n.º 63, 64. Lisboa: [s.n.], 5-6.
- MAIA, Maria Amélia (2012) — *A receção de Camões em Joaquim de Araújo*. In FRAGA, Maria do Céu et al, org. — *Camões e os contemporâneos*. Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Universidade dos Açores, Universidade Católica Portuguesa, p. 673-685.
- _____(2016) — *Joaquim de Araújo (1858-1917) – No centenário da memória do seu desaparecimento*. Atas do I Seminário: *Penafiel e Penafidelenses na História*. Penafiel: Amigos do Arquivo de Penafiel.
- PADULA, Antonio (1896a) — *Camoens e i nuovi poeti portoghesi*. Napoli: Stab. tip. Pierro e Veraldi nell'Istituto Casanova.
- _____(1896b) — *Camoens e i nuovi poeti portoghesi: conferenza tenuta alla III serata intellettuale dell'anno secondo il 30 maggio 1896 nella Sala ricordi di Napoli ...* Napoli: Pierro E. Veraldi.
- _____(1896c) — *I Nuovi Poeti Portoghesi*. Napoli: Instituto Casanova, p. 29-30.
- PENHA, João Penha (1899) — *Den sällsynta pörlan*. In BJÖRKMANN, Dr. Göran, coord. e trad. — *Ekön Från Portugals Parnass. Poetiska Öfversättningar*. Stockolm: C. E. Fritzes Kongl. Hofbokhandel, p. 56.
- PEREIRA, Elsa (2009) — *Tra L'Italia e il Portugallo: a Nova Alvorada e a afirmação da lusofilia*. In TOPA, Francisco ed. — *Nel Mezzo del Cammin: Actas da Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*, Porto: sombra pela cintura, 2009, p. 239-260.
- _____(2015) — *Obras de João Penha. Edição crítica e estudo*. Pref. Francisco Topa. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- PERAGALLO, Prospero (1898) — *Mazzolino di Poesie Portoghesi e Sivigliane*. Génova: Stabilimento tipografico ved. Papini e figli.
- QUENTAL, Anthero de (1894) — *Zara: Edição Polyglotta*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- SILVA, Armando (1893) — *Portugal no Estrangeiro*. «Novidades», n.º 2679. Lisboa: [s.n.], 3. (3 de janeiro 1893).
- _____(1893) — *Portugal no Estrangeiro*. «Novidades», n.º 2686. Lisboa: [s.n.], 1. (11 de janeiro 1893).
- SIMÕES, Manuel (1998) — *A correspondência entre Joaquim de Araújo e Emilio Teza (1895-1910)*. Lisboa: Edições Colibri.
- UTT, Roger L. (1988) — *Textos y con-textos de Clarín*. Madrid: Ediciones Istmo.
- Z. (1897) — *João Penha*. «Revista Critica de Historia y Literatura Españolas, Portuguesas e Hispano-Americanas». Madrid: [s.n.], t. II, p.392. Trad. In «Correio da Noite», Lisboa. N. 5607 [15 de março de 1898].